

**Incidencias  
Lesbicas ou o  
Amor ao proprio  
reflexo**



**Margarita Pisano**



## Sobre a autora...

*Margarita Pisano, arquiteta, feminista crítica da cultura contemporânea, escritora chilena. Fundadora da Casa de la Mujer La Morada, Radio Tierra e do Movimento Feminista Autônomo. Em 1995 publicou o livro "Deseos de Cambio o... ¿El Cambio de los Deseos?", Em 1996 publicou "Un Cierta Desparpajo". Seu terceiro livro, intitulado "El Triunfo de la Masculinidad", foi editado em maio de 2001. E seu último livro, "Julia, quiero que seas feliz", publicado em Outubro de 2004. Esteve realizando cursos, oficinas e ditado conferências em Latinoamérica e Europa. Sua vasta experiência de trabalho com mulheres de diferentes setores sociais a levou a aprofundar-se sobre os desafios da sociedade contemporânea. Publicou artigos em revistas chilenas, latinoamericanas e europeas.*



# *Incidências Lésbicas ou o Amor ao próprio reflexo*

ANTES QUE EXISTIRA OU PUDESSE EXISTIR QUALQUER CLASSE DE MOVIMENTO FEMINISTA, EXISTIAM AS LESBIANAS, MULHERES QUE AMAVAM A OUTRAS MULHERES, QUE RECUSAVAM CUMPRIR COM O COMPORTAMENTO ESPERADO DELAS, QUE RECUSAVAM DEFINIREM-SE EM RELAÇÃO AOS HOMENS, AQUELAS MULHERES, NOSSAS ANTEPASSADAS, MILENARES, CUJOS NOMES NÃO CONHECEMOS, FORAM TORTURADAS E QUEIMADAS COMO BRUXAS.

- ADRIENNE RICH

Tudo está processando-se na história e está esse velho tema do amor, a *pareja* [1] e os limites

Nós mulheres [2] viemos sustentando largas lutas externas e internas com nossas capacidades, de querer ser atuantes de nossos desejos, de nos entendermos mulher e entender-nos mulheres em coletivo; nossos diálogos internos, fundamentalmente, têm sido de feminilidade à feminilidade, ou seja de construção patriarcal a construção patriarcal deste dever-ser do nosso corpo mulher.

O diálogo mulher/mulher é ainda pendente, pois o diálogo que por hora existe, aquele que se tem memória, é o que se fez na história, é o feminino-feminina. Neste diálogo se prima pela *alheidade* da mulher, é um diálogo "do outro", é o condicionamento ao amor patriarcal, nunca o amor entre

mulheres como conjunto pensante, pois até mesmo dentro da construção do amatório tivemos sido apartadas. Tivemos, inteligentemente, que nos declarar meio tontas para existir e permanecer no prado marcado e sinalizado da feminilidade, e isto tem mais transcendência do que à primeira vista aparece como uma luta por sobrevivência, sobrevivência que é a custa de nossa dimensão humana, pensante e atuante, é as custas deste diálogo mulher/mulher.

Enquanto não sejamos capazes de interrogar o desenho do modelo que fizeram outros da nossa erótica, de nossas formas de erotizar-nos, enquanto não sejamos capazes de aceitar e criar outros modelos, de abrir a atração entre mulheres, abrir a necessidade de entrar em diálogos corporais e erotizados com uma outra Iguar, não nos amaremos a nós mesmas, não nos amaremos como mulheres e, fundamentalmente, não nos respeitaremos como gênero. Quando nos interrogamos, recém comencamos a meter-nos no mundo, recém comencamos a romper a própria misoginia – consigo mesma e com as demais – ; antes é um estar como de convocada, convidada a um sistema que é pensado através de nós mesmas, que se erotiza com nossos corpos, não conosco, senão com essa estranheza sobre nosso corpo mulher que nos foi significado, sempre um pouco fora, fora do mundo, fora da cultura, fora da política e fora de nosso próprio corpo.

Me preocupam essas mulheres que se declaram profundamente heterossexuais, que divinizam o corpo masculino, mesmo que seja este mesmo corpo que adoram

aquele que esteve submetendo à secundaridade como espécie, aquele mesmo corpo que as menospreza.

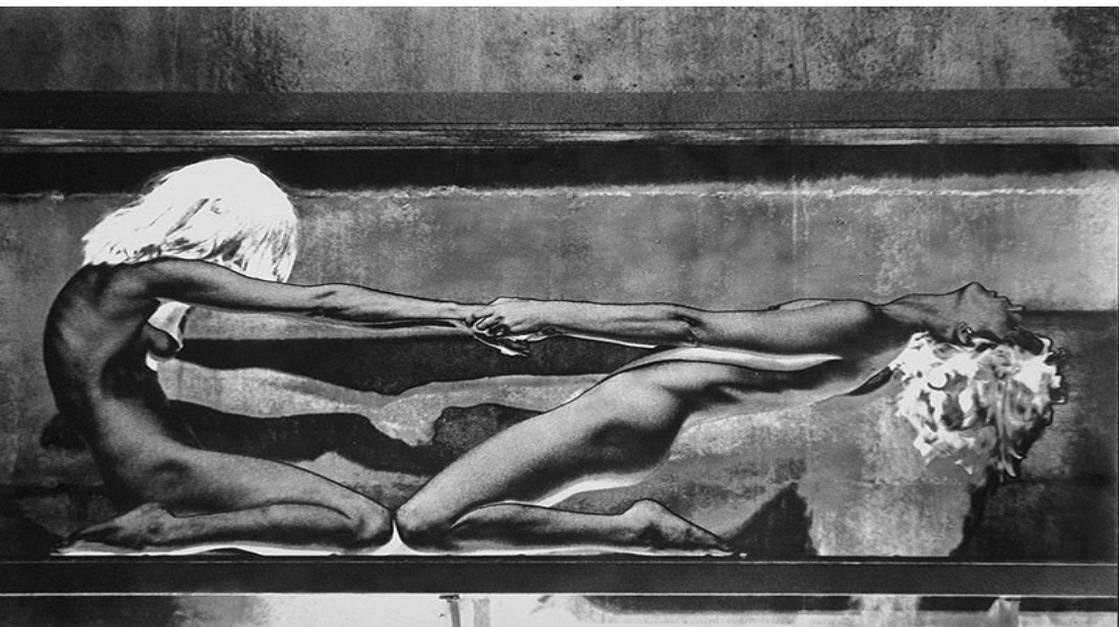
Esta outra memória velada de nós mesmas, que existe, que é parte de nossa história, é toda uma cultura subsumida na “feminilidade”. Existe uma atração entre mulheres, justamente por toda esta alheidade a que fomos submetidas, um desejo que poderíamos associar à paixão mais que ao amor, à solidariedade ou à amizade entre mulheres, este desejo de aprender /aprender-nos, de conhecer/nos, de descobrir/nos. Neste lugar mesmo da paixão, quem sabe, seja possível entender/nos e entender as coisas que nos passam entre mulheres. Desde a feminilidade construída é muito difícil entender essa paixão entre mulheres, pois que a memória está apagada e não se deixa circular, porque indiscutivelmente o sistema instala a feminilidade misógina, que propõe o ódio à nós mesmas, o menosprezo, mesmo que algumas vezes nos erotizemos este espaço tão já significado.

Por isso quando nos erotizamos neste espaço tão pré-significado da feminilidade, ficamos estacionadas, não trocamos nada além de "o corpo da erótica".

A dimensão da paixão e sua memória dentro de nós existe, temos que encontrar/la e significar/la no tempo, é preciso registrá-la e fazer ela sair do lugar do nada, já que o patriarcado tem uma preocupação especial de apagá-la, eliminando inclusive da memória de nossos próprios corpos porque ali radica sua vigência, ali constitui seu poder. É nossa responsabilidade, nosso desa-

fio, entender e construir esta dimensão do desejo/paixão/de conhecer/nos.

Poderia afirmar que toda mulher conserva essa outra memória/imemoriada, que sua forma de relacionar-se com outra mulher está transpassada por esse conteúdo. Nada poderia propôr-se desde o feminismo e, em especial, desde o feminismo radical, se não passasse por recuperar "esta outra história" de mulheres.



Em todo ser humano existe a potencialidade de atravessar os limites culturais estabelecidos da heterossexualidade, somente se aceita essa potencialidade poderá este desfazer-se dos preconceitos contra as lesbianas e homossexuais e, me atreveria afirmar, que para além de romper com preconceitos, assumindo esta potencia-

lidade não estática da erótica, poderá começar a recém limpar-se da misoginia do sistema e este não é o mesmo exercício que executam os homens nem os homens heterossexuais, pois eles sempre estiveram amando a si mesmos e amando misoginistamente, onde quer que estejam.

## **A amiga íntima e nossos pequenos incidentes lésbicos**

As mulheres têm sempre uma amiga íntima, uma outra que nos contém (apoia), uma aliada e é com esta outra que se cruzam nossos pequenos incidentes lésbicos, imediatamente negados. Esta negação se enraiza na sensação de terror de descobrir-se pensando ou sentindo passar o limite do permitido na formação dos modelos de erótica e da ética/moral estabelecida. Paraliza-se ante a sanção iminente do sistema, se nega a si mesma, para não ser negada duas vezes pelo patriarcado: uma por ser mulher e a segunda por ser lesbiana. Outras não tantas se recusam a cumprir com o comportamento esperado, são as minorias rebeldes que nos fazem valentes, são as que transitam e assumem o lesbianismo e aquelas que se abrem a compreendê-lo de verdade.

Uma grande parte dos problemas que temos para fazer amizade entre mulheres passa por essa paixão/desejo de conhecer/nos, esta paixão não reconhecida, não historiada, não aceita mesmo nos níveis mais profundos de nossa consciência. A paixão/desejo, ao ser negada e constantemente postergada, se traduz em rechaços, traições e ódios tremendos fora da razão e do tempo,

pois que 'a outra' a deflagradora desta paixão/desejo sancionada, é a idéia da Eva tentadora do mal, a que faz cair o homem, e que esta vez funciona para nós mulheres, em vez da nossa Eva. É, portanto, difícil construir uma amizade, que não esteja prejudicada e permeada por esta proibição misógina de amar-nos. Quê memórias não recordadas trazem, quê histórias de sensações de ardores e perdições de nós mesmas traímos por nos gostar, que mandatos a fim de odiarmos, sem sequer entender o que se passa?

### **Lesbianismo/'parejismo'/espelhismo**

Como nos querer de outra maneira, diferentemente dos papéis, das inseguranças, das demandas de propriedade/fidelidade, sem o drama, o tango, sem o bolero, sem o segredo, sem deslealdades, sem nos atraíçoar constantemente? É nesse espaço amoroso de mulheres de onde podemos reinventar outras formas e amor, este 'outro amor', essa suspeita de 'outra cultura', onde sejamos mulheres pensantes e não inventadas por outros, onde re-desenhar outras formas de convivências entre seres humanas que não seja a da *pareja* do domínio.



Uma vez que o amatório é masculinista, *a construção da parceira está patriarcalizada no domínio*, e o patriarcado está temperado com esta construção convencional do amor *parejil*. Arma essa escassez de amor em um discurso do amor grande, único, de 'a dois', em casal e para sempre, que ao final mata os amores, a uns por culpa e a outros de tanto amor; instala a dor, não o amor. É como a navalha de Robin Hood, porque Robin Hood empunha a navalha do amor, do bom amor, do amor salvador que pouco a pouco se vai confundindo com a navalha de Jack o Estripador, e uma morre sempre de algum destas duas punhaladas, padecem do mesmo e matam o mesmo.

A estética, a beleza do amor patriarcal estão simbolizadas na escrava/dominada, a mais bela de todas: a dominada. A que não ocupará o assento da rainha, a depositária do desejo que não é a metáfora da rainha, pois que a rainha é a mãe dos filhos, a continuadora da linhagem, a segunda (sempre) depois do rei, a guardiã de seus interesses, a custodiadora de seu poder e dos valores que o sustentam. Isto segue vigente, mesmo que pintem às rainhas e às escravas de todas as cores, de todas as modernidades.

A estética e a ética de lesbos é pelo contrário a da *horizontalidade*, porque nessa horizontalidade que se sucedem os intercâmbios pessoa-pessoa. Esse espaço amoroso devemos desenhá-lo, inventá-lo, temos que narrá-lo para que vá construindo um saber-amar-outro, para que vá acumulando-nos em sociedade de outra maneira, com outra ética e outra estética. Devemos ter

cuidado de não readequar a *pareja*, acreditando que inventamos outro modelo, isso não seria mais que um recômodo ao mesmo fango patriarcal. A cultura vigente nos faz sentir que somos diferentes, que nossas construções de casal/*pareja* são diferentes, ao mesmo tempo que nos submerge a todas em seus costumes e seus valores, fazendo que todos, de uma ou outra maneira, repitam os mesmos modelos.

Reinventar outro tipo de relação/amor leva ao feito de repensar a nós mesmas, repensar nossas formas de

**A estética e a ética de lesbos é pelo contrário a da horizontalidade, porque nessa horizontalidade que se sucedem os intercâmbios pessoa-pessoa.**

relacionar-nos, repensar as estratégias parejis e isto tem uma regra – se é que podemos falar de regras – e é saber não enganar a nós mesmas, e quando falo de enganar, não falo de infidelidades nem fidelidades senão de não disfarçar nada, de não esconder nada, nem proteger-nos, nem proteger a outras; isso tem uma dose grande de valentia, de riscos, de assumir-se sem proteções próprias nem alheias; tem a uma desbravadora, uma aventureira dentro e nada é intocável, nada é inquestionável, nada é sagrado; tem um objetivo claro e profundo de fazer a uma expressada, livre e mais humana... e isto não deve ser confundido com fazer-se mais 'boa', porque geralmente é o contrário, já que o

“bonismo” amortece, tudo esconde, tudo nega; se arma desde o sacrifício e a hipocrisia... A estas alturas do

conto, muitas já sabemos o difícil e doloroso que é... no contar finalmente o conto... quando tem-se mais outro conto.

Se não reestruturamos, re-alimentamos, re-desenhamos, re-humanizamos e repensamos o espaço lésbico, caímos de cara na exaltação patriarcal do romântico amoroso sentimental onde acreditamos estar livres da traição dos homens, exaltando a feminilidade-feminilidade: o amor sem limites dentro da irracionalidade; o amor sentimental, sacrificado, inquestionável, sagrado; o amor em si mesmo como contido de honestidade, de interesses comuns; este amor que não se pensa, como se não tivesse uma pessoa responsável por detrás com seus valores, sua cultura, suas proposições, sua própria biografia e é, precisamente aqui, de onde o patriarcado tende a trapacear, pois não é o feitio de romper o limite da erótica estabelecida, a transgressão, senão o pensar dita transgressão, desenhar estratégias para que tal transgressão não seja como todas, recuperada.

Se não nos detivermos a repensar o casal (o par, a *pareja*), que é a base do clã familiar patriarcal de onde se aprende o poder sobre as pessoas, estaremos repetindo o modelo, ou seja, buscaremos nos casar, legitimar-nos perante o sistema, ter filhas, e se não tivermos filhas suprir a carência com gatos ou cães que serão cuidados como se fossem filhas; no fim, a cadeia não se detém em estabelecer as imitações da família, a família de mentira que é pior que a família da consanguinidade, e não estou dizendo que não há que se amar as crianças ou aos animais, senão não usá-los como suplentes, nem confundí-los como tão facilmente fazemos, de tratar as crianças como animais e aos animais como

crianças.

Se não nos detivermos a repensar o casal, que é a base do clã familiar patriarcal de onde se aprende o poder sobre as pessoas, estaremos repetindo o modelo, ou seja, buscaremos nos casar, legitimar-nos perante o sistema, ter filhas, e se não tivermos filhas suprir a carência com gatos ou cães que serão cuidados como se fossem filhas

O casal existe porque existe a lógica do domínio e o jogo do par é o jogo do domínio patriarcal; daí o tópico: “No amor e na guerra tudo se vale”: ter serviço secreto, ter cativos, reféns, estratégias, assaltos, traições, planificação de ataque, imolações, derrotas, vitórias, etc. Essas manobras na guerra se disfarçam atrás do halo heróico salvador, o mesmo que no amor; contudo, no plano amoroso todas essas manobras são pintadas de novela rosa.

Esta cultura não entende nem constrói seres completos e em si mesmos, livres e autônomos, pelo contrário, os faz carentes de tal maneira a se verem obrigados a se completarem em outra/outre, dependendo sempre de outra/outre, coisa que além disso, as constrói socialmente. Uma pessoa sem necessidade de completar-se em um outro/outra, com projetos e desejos independentes está em desvantagem ante o sistema, ao mesmo tempo que está em completa vantagem sobre si mesma, está com o poder de desenhar sua vida, está na liberdade. Porém, o sistema que está armado para o casal, sanciona essa liberdade de desenho da própria vida, os vê quase tenebrosos, pois o sistema está pensado para dois e, também, está pensado para

a *pareja* reprodutiva, não para indivíduos, nem para sujeitos/es que se vão modificando no tempo com a vida, senão para sujeitos estáticos e conservados de a dois. Muito diferente é se falar da liberdade de estar, amar e transitar acompanhado com uma outra/um outro, que estacionar-se em uma parceria patriarcalizada com a projeção de 'pela vida', repetindo o modelo de propriedade.

O sistema arma a *pareja* (matrimônio) de tal maneira que: um tem o poder e o outro o contrapoder (papeis que se invertem, que nem sempre são estáticos). Cati-va às pessoas com o mandato da segurança que proporciona a fidelidade, com a proposta e o anseio por eternidade, com a qual esta construção baseada no amor, termina por encerrar o amor e matá-lo.

Devemos entender que com essa construção do amor não armamos as mulheres vez que somos nós as mais capturadas nelas, nos instala como as próprias guardiãs da feminilidade, havendo que prestar contas, a ter que explicar-se e justificar-se: por que olhou, por que não chegou, por que pensou, por que te foi, por que voltou, por que sonhou, por que gritou, por que se rebelou. Os outros modos, os outros ensaios de convivências são invisibilizados e castigados pelo sistema, pois “o sistema está vigiado” [3].

Como lesbianas, temos uma história gestual de vida que vai mais além do relato amoroso vigente. Por ela, submergir-se em uma *pareja* já significada, tem muitos custos, custos de vidas inteiras, do mesmo modo que

sair-se das atuais formas de amar com suas fidelidades e lealdades também tem custos de vidas inteiras, não sabemos fazê-lo, não há modelos, não há registro – apesar de haver muitos ensaios silenciados –, não temos idéia de como fazê-lo; com tantas inseguranças, carências e medos com que nos socializam, sofremos muito, porque somente estando submergidas no drama nos sentimos viver e morrer ao mesmo tempo. O drama captura, impede qualquer reflexão que não passe pelos estados obsessivos da dor, poi a cultura vigente está embasada no dor-sofrimento.

Não estivemos re-simbolizando a vida e menos o amor como para vivê-lo de outra maneira, não temos des-entranhadas as projeções de propriedade sobre outra pessoa e para que exista uma outra como propriedade, pois deve existir uma proprietária, uma depositária de nosso sacrifício de nos entregar, e insisto em que o sacrifício é uma armadilha e até que não descubramos o arriscado que é este sistema sofredor, seguiremos permeadas do sacrifício de uns por outros... e não estaremos saindo de toda a hipocrisia antagônica do sistema... Não quero que ninguém se sacrifique por mim nem quero sacrificar-me por ninguém, não creio em mártires,

**Uma pessoa sem necessidade de completar-se em um outro, com projetos e desejos independentes está em desvantagem ante o sistema, ao mesmo tempo que está em completa vantagem sobre si mesma, está com o poder de desenhar sua vida, está em liberdade.**

nem em cruces para construir o respeito humano. Recriando *parejas* sacrificadas não se constrói o respeito e isso é um gesto profundamente político.

É necessário romper nossas necessidades tão profundamente inscritas com argumentos culturais biologicistas de complementaridade, já que estes têm levado a entender o amor somente em sua dimensão reprodutora, protetora e cuidadora do casal heterossexual, tão funcional a um sistema capitalista e neoliberal.

A *pareja* lésbica que deverá romper profundamente esta construção cultural, se enreda muito mais que a *pareja* heterossexual, tão instalada e legitimada: por um lado, se mantém em um meio totalmente hostil que faz com que se unam, se protejam, se encerrem a uma na outra como uma condição de sobrevivência e proteção ante o meio. Por outro lado, ao sairmos deste amor reprodutivo e de domínio, tomamos o discurso do romântico amoroso sentimental. O homem que é infiel por natureza, já não está, não é requerido, nem essencial no jogo amoroso, no entanto, se nos juntamos duas mulheres que somos “a fiéis por natureza”, as que “sim sabem amar”, “as que amamos sem limites”[4], traduzimos essas fidelidades em clausuras, depositamos-lhe a clausura ao sistema, nos sistematizamos, “nos ordenamos” em casal, nos perdemos como pessoas individuais, nos simbiotizamos com a outra em um gesto siamésico, deixando todas as alternativas de liberdade, de amor, de vida, de eros, enclausuradas, pois o casal é uma construção cultural criada pelos homens em prol de suas seguranças e acomodações sociais; é a redu-

ção minimizada do poder, por ela está sempre em crises e, embora nos empenhemos em esconder dita crise, cada certo tempo voltará a aparecer no horizonte, alucinada com outros eros, outros despertares corporais, outros desejos de liberdade.

A *pareja* já significada faz a gente perder não somente o amor, senão o desejo de aventura, de aventurar-se em outros seres, de aventurar-se a inventar novas sociedades, novas culturas, novas formas de nos relacionar. Faz desaparecer aquela ânsia de compreensão, e é justo ali onde aparecem os seres podres por dentro e por fora, toda essa quantidade de seres humanos que não estão vigentes, pois depositaram em outres toda sua capacidade erótica, amorosa e criativa, e sem esse outro se transformam em seres amputados sendo que parecia que o pertencer ao mundo do amor, ao mundo privado, é do mundo concreto, da vida cotidiana que construímos como sociedade.

A quem estamos entregando o poder sobre nós? Quanto tempo na história respondemos à família, a que julga, mal/ama e finalmente nos instala em uma sociedade a sua imagem e semelhança? Como poder viver nossos amores e desamores, de tal maneira que sejam uma proposta de respeito humano e liberdade mais além das proteções e dos sacrifícios dos moldes de propriedade e fidelidade patriarcal?

O dia que tenhamos uma linguagem de narração própria da sexualidade das mulheres, próprio da sexualidade lésbica – não a linguagem da negação que temos tido até agora, não a linguagem da sexualidade legitimada e profissionalizada, hoje tão na moda, resguardada cons-

tantemente em sacralidades- poderemos limpar este espaço e lograr que seja diferente.

O amor não é apenas um único na vida, não nasce de gerações espontâneas, existe um fiar de amores, como de colares, que se vão engarçando no tempo. Cada um tem um sentido, cada um traz uma proposta, em cada um vai ficando um pendente, e todos estes pendentos, acumulados, reservados no tempo são os que aparecem reais e concretos no presente amor e este do presente vai a constituir, por sua vez, até o futuro outro pendente... O amor não é um único, nem morre em um acidente na esquina, é um constante de nossas vidas, aparece como aparecem os seres humanos – diferentes -, nos provocam novos desafios de entender-nos, novos desafios de redesenhar-nos e sanar-nos do “maltrato cultural”, de entender que há várias maneiras de entender o compromisso por outra pessoa, o sentir amor enquanto dure o sentimento, e este compromisso só pode ser o cuidar o mais que se possa deste sentimento, que uma vez que começa, também começa a desaparecer; como tudo na vida, tem um início, um tempo e um fim.

Se os sonhos, os amores e as liberdades que não se vivem, se morrem por dentro... te apodrecem, te matam pouco a pouco. Olha como está este mundo sem sonhos, sem amores, sem liberdades, morrendo.

## Somos Nós mesmas as que temos que...



Repensar nossas formas amorosas de nos relacionar, repensar nossas formas políticas de nos relacionar, re-ligar elas, pois são políticas. Se como lesbianas queremos instalar-nos na *pareja* patriarcal, não estaremos mudando nada mais que o corpo de nosso

desejo erótico; mudamos o corpo masculino pelo feminino, mas com a mesma cenografia para montar o mesmo conto, não estamos propondo nenhuma mudança além do desejo de legitimação como grupo minoritário. Ao mesmo sistema que nos deslegitima o suplicamos que nos legitime, fazendo-o duplamente poderoso. E quando falamos de sistema estamos falando desde o núcleo familiar até as instituições, todos constituídos por seres de carne e osso. É aí que perdemos o rumo, pois não pode existir uma modificação do sistema através de nós mesmas, senão um acomodamento nosso ao sistema, por isso me surpreendo de ver que existam lesbianas que queiram casar-se ou que desejem ser parte do exército, mais para além do direito de igualdade e as vocações de cada uma, creio que é preciso repensar a vigência do matrimônio, pois é uma instituição tão patriarcal como os exércitos. Temos que separar águas com quem quiser dar continuidade a um sistema injusto, arbitrário, racista, baseado na propriedade privada e na primazia do homem branco.

Um movimento lésbico-político-civilizatório, repensa todos os elementos que tramam o sistema e deste lugar desenha suas estratégias políticas. Não pode entregar sua reflexão a outros grupos marginalizados, pois a única coisa que as une a outros grupos marginalizados é somente o fato da marginalização. Não temos os mesmos interesses políticos que os ecologistas, que os gays, travestis – que são os que têm retomado e reinstalado o discurso da feminilidade – nem com os diferentes projetos dos partidos políticos, nem das igrejas, etc.

Sem pensar/nos e re/pensar o movimento lésbico político civilizatório, não poderemos desarticular o sistema, pois sem este reanalisar-nos, não saberemos se não é desde dentro do próprio movimento lésbico que estamos traíndo nossas políticas e nossas potencialidades civilizatórias.

A análise da realidade desde a cultura vigente e suas propostas, é uma realidade que não existe para nós, é uma realidade onde nunca estivemos, nem estaremos, nem estamos, nem nos pertence como análise, por isso devemos revisar muito cuidadosamente a necessidade de aderir-nos a qualquer análise ou proposta de mudança que não provenha de nós mesmas, recuperar nossas próprias reflexões, nossa própria história política, pois obviamente não temos os mesmos interesses de outros grupos marginalizados; podemos fazer alianças circunstanciais, mas não deixar que nosso discurso seja tomado por outros, que se perca em outros.

Ao sentir-nos 'tão fora do sistema' nos acometem nostalgias de legitimidade, e essas nostalgias nos fazem

perder-nos e traem nossa história, terminamos por querer estar no centro mesmo do poder, quando o desafio político é não formar parte do sistema, não colaborar com o mesmo sistema que há poucos anos nos queimava nas praça públicas e que de outra maneira, menos visível, nos segue queimando, nos segue perseguindo, nos segue reciclando.

Há um limite ético e político com nós mesmas e nosso corpo; por isso, deixar as coisas como estão, já não é possível, não existe essa realidade para nós.

Margarita Pisano 16 de outubro de 1997

(texto retirado do livro “O triunfo da Masculinidade” da mesma autora)

\*\*\*

Notas da tradutora:

[1] *pareja*: idéia em espanhol que se refere a relação de a dois, mas é uma palavra e uma prática social muito específica da língua espanhola mesmo, relacionada a se entender como um em uma relação, de fazer tudo junto, ter os mesmos planos, a mesma identidade....

[2] O texto ficaria interessante se enunciasse o sujeito lésbico primeiramente antes que o sujeito mulher, já que se trata de fazer o diálogo entre nós e para nós, lésbicas, mas como seria muito escroto mecher no texto da autora resolvi criar essa nota pra comentar sobre isso. Também acho que é muito importante no texto

a referência a mulheridade que marca a construção de muitas lesbianidades, que é o assunto do texto. Não considero uma forma de apagar sujeito lésbico subsumindo ele na categoria mulher como fez inicialmente a teoria feminista. Ele desconecta as lésbicas do coletivo mulheres ao iniciar esse diálogo, mas não pode para fazê-lo, desconectar a subjetivação das lésbicas da sua trajetória dentro da categoria social de mulheres ao iniciar a reflexão sobre a desconstrução da mesma.

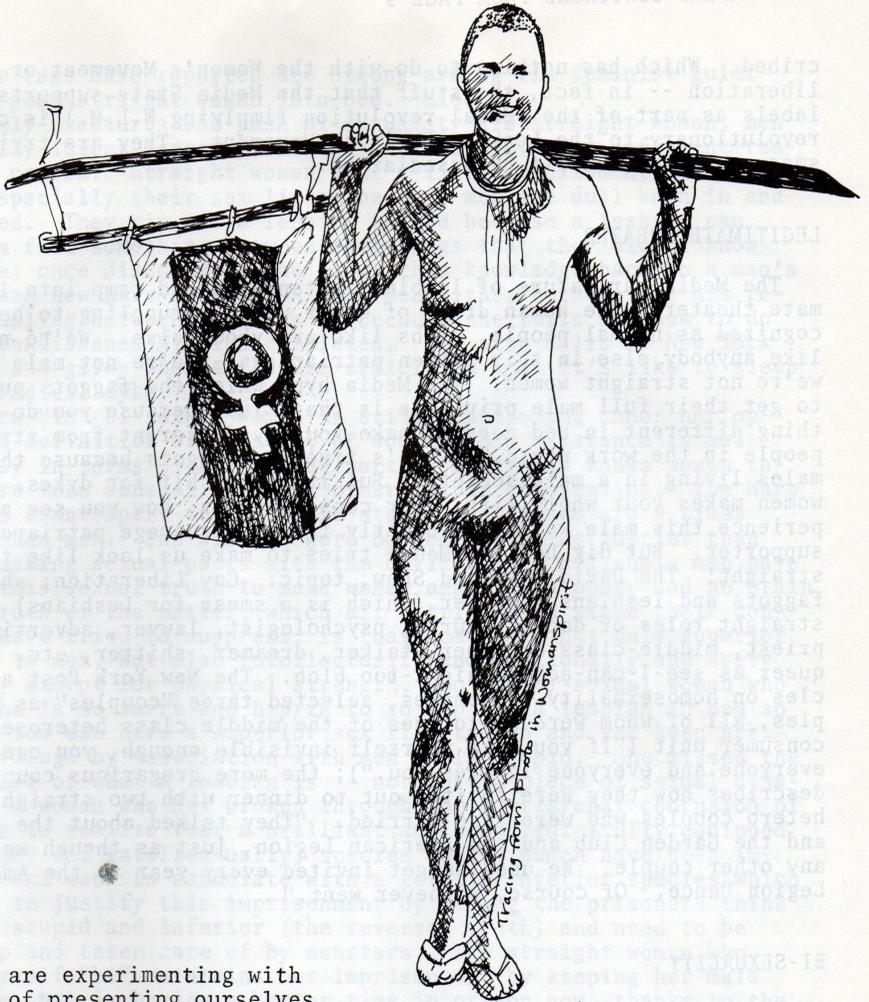
[3] referência a idéia do panóptico de Michel Foucault, em Vigiar e Punir.

[4] Sem contar, a reprodução da maternagem, da maternidade, do cuidado-feminilidade....

Fotos: Tee A. Corinne, Tresa Souza e site [lesbianseparatist.tumblr.net](http://lesbianseparatist.tumblr.net)

Conta capa: Aleah Chapin

Capa: The Sinister Wisdom, Tee A. Corinne.

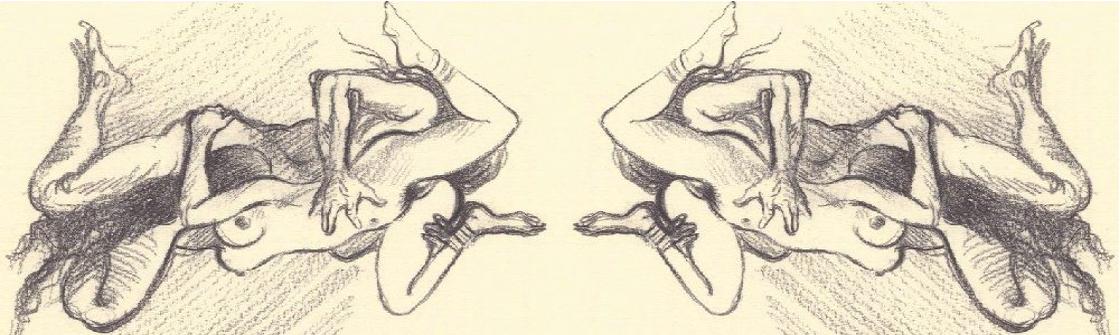


line

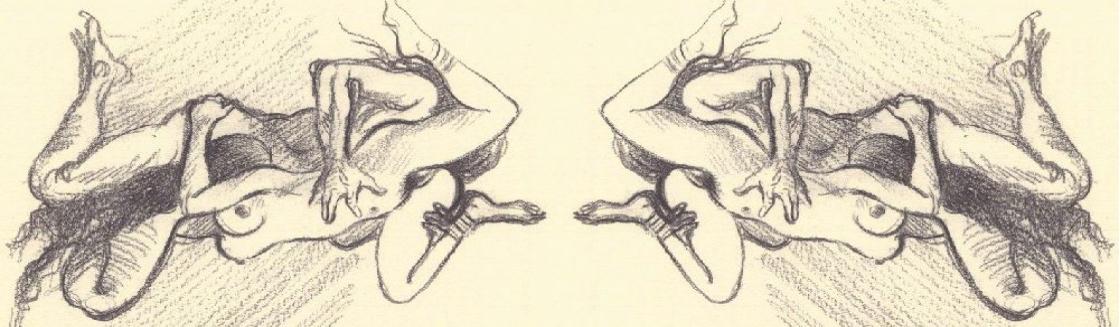
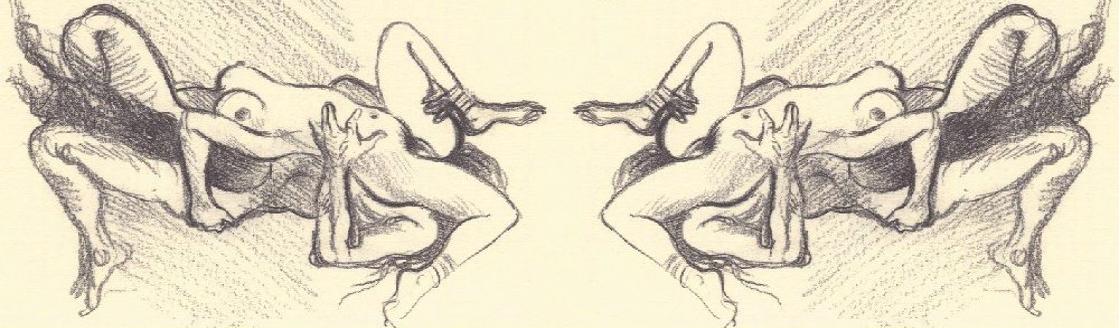
We are experimenting with new ways of presenting ourselves to each other. The farther away we get from a patriarchal way of thinking, the uglier and uglier we will be to "them", and the more and more beautiful we will be to ourselves. o

"Estamos experimentando novas formas de apresentar nós mesmas umas as outras. Quão mais distanciadas nos encontramos de uma maneira patriarcal de pensar, mais e mais feia nos tornamos para 'eles', e o mais e mais belas somos para nós mesmas"

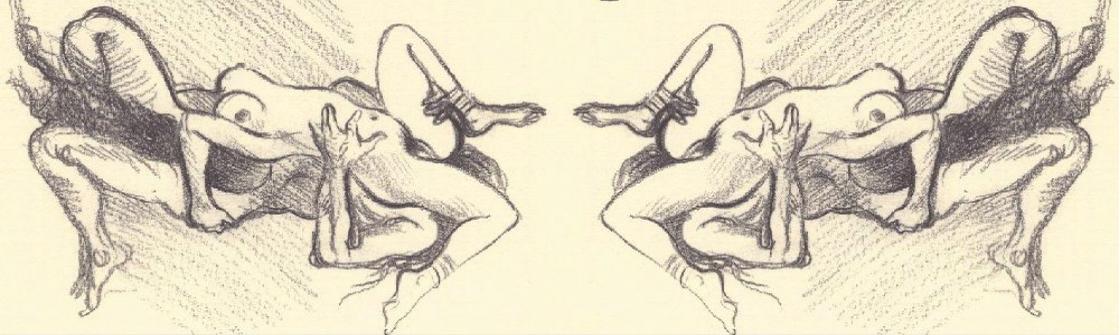
- Dyke Magazine, 1970



**Which Way Is Up?**



**Which Way Is Up?**



Qual é o lado de cima?  
Por Victoria Van Dyke

# DIFUSÃO HERÉTICA Edições feministas e lésbicas independentes



DIFUSÃO HERÉTICA é uma editorial feminista DIY e autogerida, uma iniciativa autônoma lesbofeminista para difusão sororária e contra-hegemônica: anti-capitalista, anti-racista, lésbica, radical, ecofeminista, anarcáfeminista e demais, em escritos, de modo a apropriarmos dos saberes e memórias feministas, resgatando também nossas próprias palavras, pensamento, simbólico e herstory.

[APOIAMUTUA@RISEUP.NET](mailto:APOIAMUTUA@RISEUP.NET)  
[HTTPS://APOIAMUTUA.MILHARAL.ORG](https://APOIAMUTUA.MILHARAL.ORG)

**fotocópie, difunda, circule!**

**A propriedade intelectual é um roubo**

**ANTICOPYRIGHT-ANTICOMERCIAL**

**Arme seus próprios livros!**

**Autonomia feminista!**





**A estética e a ética de lesbos é pelo contrário a da *horizontalidade*, porque nessa horizontalidade que se sucedem os intercâmbios pessoa-pessoa. Esse espaço amoroso devemos desenhá-lo, inventá-lo, temos que narrá-lo para que vá construindo um saber-amar-outro, para que vá acumulando-nos em sociedade de outra maneira, com outra ética e outra estética.**